

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GIAN MORAES SILVEIRA

**AS PLUMAS E OS CAMAFEUS FORMAM O ARCO-ÍRIS QUE BRILHA NA
CIDADE SIMPATIA: O PROTAGONISMO GAY NO CARNAVAL DE ARROIO
GRANDE NOS ANOS 1990**

**Jaguarão
2017**

GIAN MORAES SILVEIRA

**AS PLUMAS E OS CAMAFEUS FORMAM O ARCO-ÍRIS QUE BRILHA NA
CIDADE SIMPATIA: O PROTAGONISMO GAY NO CARNAVAL DE ARROIO
GRANDE NOS ANOS 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciado em História.

Orientadora: Dr. Leticia de Faria
Ferreira

**Jaguarão
2017**

GIAN MORAES SILVEIRA

**AS PLUMAS E OS CAMAFEUS FORMAM O ARCO-ÍRIS QUE BRILHA NA
CIDADE SIMPATIA: O PROTAGONISMO GAY NO CARNAVAL DE ARROIO
GRANDE NOS ANOS 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ___/___/___.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Letícia de Faria Ferreira
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira
UNIPAMPA

Prof. Dr. Rafael da Costa Campos
UNIPAMPA

Dedico esta pesquisa à comunidade arroio-grandense como parte de sua memória. Dedico especialmente aos homens gays de Arroio Grande que, assim como eu, tem uma forte ligação com o carnaval.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a esta força divina, que a maioria das pessoas nomeia de Deus, que me deu forças para não desistir e sempre seguir em frente.

Agradeço aos meus pais, Zulmira e Eloir, que desde pequeno me diziam que os estudos eram importantes para a vida.

Agradeço aos meus colegas de turma pelos bons momentos que tive ao lado deles. Em especial, agradeço a Ana Carolina pelos conselhos de vida que me deu nessas idas e vindas de ônibus durante o trajeto para a universidade. Agradeço também ao pessoal do “fundão do busão” que sempre me alegrou com conversas divertidas depois de um dia e aula cansativos. Ao meu melhor amigo Dagoberto que me ouviu reclamar de um dia estressante ou de minhas frustrações, e sempre me aconselhou a seguir em frente, plantando agora para colher vitórias no futuro.

Agradeço a todos os meus professores que contribuíram para meu crescimento pessoal e acadêmico e me trouxeram uma nova forma de enxergar o mundo. Em especial, agradeço a professora Cássia que com suas magníficas aulas, me fez gostar de História do Brasil republicano. À professora Giane que me ensinou a transgredir as regras morais impostas pela sociedade e a problematiza-las. E claro, a professora e minha orientadora Letícia, pois sem sua ajuda seria inviável eu construir este trabalho de conclusão de curso, além de ser uma excelente profissional.

Agradeço a todos que se envolveram de alguma forma nesta longa jornada de minha graduação, fico eternamente grato. Agradeço também a todos aqueles que se envolveram neste trabalho, me ajudando a trazer os gays de Arroio Grande como protagonistas do carnaval.

Finalizando, quero agradecer a todos os gays, dos mais ricos aos mais pobres, brancos e negros; afeminados, ursos e *barbies*; aos assumidos e aos não assumidos por medo de rejeição, não aceitação de si ou por opção. Este trabalho é para todos nós. Para nos dar forças e seguir em frente lutando pelo que achamos justo, pelo nosso direito de amar quem quisermos. Independente de quem seja o presidente, o deputado, o senador; independente das vozes que exaltarão o ódio e a intolerância; independente dos tempos difíceis pelo qual passaremos; sempre manteremos viva a chama da nossa luta. Nunca seremos silenciados!

RESUMO

Esta pesquisa se estrutura numa etnografia realizada com três homens, que são, ou não, assumidamente homossexuais, sendo que um deles vivencia a homossexualidade de forma não pronunciada para a sociedade. Juntamente com um trabalho etnográfico, para embasar a teoria, utiliza-se algumas reportagens de jornais da época. Através disso, defende-se nesta pesquisa a ideia de que os homens gays foram protagonistas do carnaval de Arroio Grande, tendo uma participação fundamental que ajuda a explicar o sucesso dos festejos carnavalescos na década de 1990, recorte temporal desta pesquisa. A presença deles é percebida nos desfiles das escolas de samba, na criação e confecção das fantasias e carros alegóricos das agremiações carnavalescas; além de serem encontrados nos clubes sociais, durante os dias de festejos. Para tal, foi feito uma etnografia com Everaldo, que se destacou no abre-alas da Promorar; Victório, que construiu uma trajetória de sucesso como carnavalesco; e Fernando, que esteve presente na comissão de frente da São Gabriel. Além desta abordagem, é problematizado a questão da homossexualidade, que é aceita durante os festejos carnavalescos, incorporado nestes homens, mas que durante o ano é um tema considerado tabu para a sociedade, muitas vezes carregado de vários preconceitos e estigmas, como por exemplo, a discriminação de homens gays que se desviam do padrão heteronormativo.

Palavras-Chave: Gay. Carnaval. Arroio Grande.

ABSTRACT

This research is structured in an ethnography carried out with three men, who are or are not admittedly homosexual, one of whom experiences homosexuality in a non-pronounced way for society. Along with an ethnographic work, to base the theory, is used some reports of newspapers of the time. Through this, it is defended in this research the idea that the gay men were protagonists of the carnival of Arroio Grande, having a fundamental participation that helps to explain the success of carnival celebrations in the decade of 1990, temporal cut of this research. Their presence is perceived in the parades of the samba schools, in the creation and confection of the costumes and allegorical floats of the carnival associations; besides being found in social clubs, during the days of festivities. For this, an ethnography was made with Everaldo, who stood out in the opening of the Promorar; Victório, who built a successful career as a carnival; and Fernando, who was present at the front committee of São Gabriel. In addition to this approach, the issue of homosexuality, which is accepted during the Carnival celebrations, incorporated in these men, is problematized, but during the year it is considered a taboo subject for society, often fraught with prejudices and stigmas, the discrimination of gay men who deviate from the heteronormative pattern.

Keywords: Gay. Carnival. Arroio Grande.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes

GGB – Grupo Gay da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Sobre Arroio Grande	12
1.2	Carnaval arroio-grandense	12
1.3	Tema e abordagem de pesquisa	13
2	TEORIZANDO: HOMOSSEXUALIDADES E O CARNAVAL	15
2.1	Contextualizando homossexualidades e homofobia	15
2.2	Carnaval e suas perspectivas	21
2.3	Ouvir e descrever: realizando uma etnografia	24
3	A DÉCADA DE OURO DO CARNAVAL	26
3.1	Brilhando no abre-alas	27
3.2	Dos gays “decentes” aos gays do “submundo”	30
4	“EU ERA UMA RAINHA”	33
4.1	O protagonismo gay em todos os setores do carnaval	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICES	44
	ANEXOS	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é a grande oportunidade que nós discentes temos para deixar nossa mente fluir e escrever sobre algo que nos toca diretamente, por um tema ao qual nos interessa ou que tenha algo a ver com nossa realidade social e/ou cultural. No meu caso, como homem e gay, o tema da homossexualidade masculina sempre me instigou reflexões e estudos, portanto, é compreensível que eu escolhesse este campo para pesquisar e assim elaborar meu trabalho final de conclusão de curso, objetivando o título de licenciado em História.

Mais do que motivado em falar sobre um assunto que me toca diretamente, este trabalho, acredito, pode vir a contribuir para reforçar a historiografia relacionada aos gays, comunidade que há muitos anos luta por espaço e reconhecimento de direitos dentro da nossa sociedade. Pensando cronologicamente, os estudos que abordam segmentos à margem da história, como trabalhadores, mulheres, negros, indígenas, gays, lésbicas, transgêneros, entre outros, começaram a ser produzidos há pouco tempo. Estas temáticas significam um grande avanço dentro de uma história que, até então, evidenciava apenas ícones elitistas e personalidades políticas. Estudar estes outros segmentos foi um importante passo para evidenciar o real protagonismo dessas pessoas dentro da sociedade e da história, como seres que batalharam dentro de seu tempo para viverem com mais dignidade e terem seu papel social reconhecido.

Quando pensei num tema para pesquisa de conclusão de curso, busquei algo que tivesse relação direta com a cidade na qual resido. Inicialmente, o motivo principal era o fato de a verificação das fontes ser mais facilitada pela localidade, mas também pela questão de haver poucos textos relacionados ao município de Arroio Grande. Esta cidade é rica em história, e isso me dava um bom pretexto para explorar melhor o que Arroio Grande tem a contar sobre seu passado. Assim, tive a ideia de cruzar a história dos gays com o carnaval, festividade que muito me atrai pessoalmente, e é um dos festejos mais aguardados pelos arroio-grandenses durante o ano. Desde criança tenho contato com os festejos carnavalescos, assistindo inicialmente aos desfiles das escolas de samba e posteriormente desfilando na minha escola de samba do coração: Samba no Pé.

Na cidade há muitos homens gays que são conhecidos por praticamente todos os moradores locais, muitos deles eu tinha conhecimento que se engajavam no carnaval, sendo nas cortes dos clubes sociais ou nos desfiles das escolas de samba.

Então, após uma conversa com minha orientadora, cruzei o tema dos gays com o tema do carnaval, com a ideia de evidenciar o importante papel desses homens dentro dos festejos carnavalescos.

O recorte temporal desta pesquisa se deu através uma conversa que tive com Victório¹, um dos protagonistas desse carnaval. Ele relatou-me que os anos 1990, além de ser a década em que foram criadas três escolas de samba das quatro existentes atualmente, também foi o período de maior sucesso do carnaval de Arroio Grande, com grandes desfiles, temas e fantasias memoráveis, além de ser o período de maior engajamento da sociedade nos festejos carnavalescos, principalmente no envolvimento com as escolas de samba e clubes sociais.

Sendo assim, quero trazer a todos que leem este trabalho, o protagonismo destes homens gays que deram contribuição fundamental para o sucesso do carnaval de Arroio Grande. Quero que estes homens tenham seu reconhecimento evidenciado perante nossa sociedade, marcada pela histórica homofobia, pelo machismo, pela misoginia e pelo patriarcado. Em meio a toda esta violência simbólica, os gays mantiveram seu brilho natural, participaram do carnaval e contribuíram com este festejo tão adorado por grande parte do povo brasileiro. Outra questão que trago nesta pesquisa são as homossexualidades como estigma social, revelando na etnografia, falas que permitam esboçar um panorama daqueles homens que eram considerados à margem da sociedade. Muitos deles não se envolviam diretamente com o carnaval. Esta questão ressalta a ideia de que a homossexualidade era tolerada apenas entre os indivíduos que estavam ligados com os festejos carnavalescos, em setores considerados “naturalmente gays”, logo, tendo a presença deles tolerada, e em certos momentos reverenciada. Porém, quando estes homens, e outros que não participavam dos festejos diretamente, nas escolas de samba ou nos clubes sociais, estavam fora do meio momesco, eram vistos com outros olhos pelos demais; como seres desviantes, não merecedores de respeito, sendo condenados por seus estilos de vida, não sendo reconhecidos como seres que vivessem em pé de igualdade com os demais na sociedade.

¹ Todos os nomes aqui citados são fictícios, ficando os nomes reais em sigilo. Arroio Grande é uma cidade muito pequena, onde todos se conhecem. Mesmo aqueles arroio-grandenses que vierem a ler esta pesquisa percebam de quem se trata os personagens aqui trabalhados, prefiro evitar eventuais dissabores e deixar os nomes verdadeiros no anonimato.

1.1 Sobre Arroio Grande

O município de Arroio Grande está localizado na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Com aproximadamente 20 mil habitantes, a economia do município se baseia em grande parte na agricultura. Também conhecida como Cidade Simpatia, o governo local destaca a figura de Irineu Evangelista de Souza, também conhecido como Barão de Mauá, que nasceu na cidade, no século XIX. O início de Arroio Grande se dá em 1803, pelo então avó de Barão de Mauá, sendo apenas em 1890 elevada à categoria de cidade².

1.2 Carnaval arroio-grandense

O carnaval de Arroio Grande é considerado por muitos³ como sendo um dos melhores da zona sul do Rio Grande do Sul. Atualmente, tem perdido espaço para o carnaval de Jaguarão-RS, porém, é interessante ressaltar que os enfoques dados nos carnavais destes dois municípios são bem diferentes. Em Jaguarão o enfoque é dado aos trios elétricos, com as escolas de samba ficando em segundo plano. Já em Arroio Grande, o destaque é dado às escolas de samba, que recebem uma maior atenção por parte dos foliões que ainda permanecem nos festejos carnavalescos da cidade.

Atualmente o município possui quatro escolas de samba na modalidade adulta: Escola de Samba Samba no Pé, Escola de Samba Unidos do São Gabriel, Escola de Samba Unidos do Promorar e Escola de Samba Acadêmicos do Grande Arroio. Há também uma escola de samba mirim: Escola de Samba Mirim Amigos do Pipoquinha. Ao todo, são cinco dias de desfiles, divididos em: sexta-feira, dia dos desfiles técnicos, onde as baterias das cinco escolas (adultas e mirim) desfilam; sábado, desfile oficial da escola de samba mirim, porém, sem concurso oficial, visto ser apenas uma escola; domingo e segunda-feira, concurso oficial das escolas de samba categoria adulto; terça-feira, durante à tarde, apuração das notas dos nove quesitos julgados das escolas de samba, e o desfile das campeãs à noite, onde se apresentam as cinco escolas, adultas e a mirim, para receberem a premiação. Tudo isso ocorre na rua Dr. Monteiro, ou simplesmente Monteiro, como a população chama. Nos dias de festejo a

² Para mais informações, acessar o site da Prefeitura Municipal de Arroio Grande. Disponível em: <<http://www.arroiogrande.rs.gov.br>>. Acessado em: 04 nov. 2017.

³ Ver, em anexos, reportagens de jornais da época que expõem o brilho e a importância do carnaval para os arroio-grandenses, e sua fama na região.

rua se transforma em “Passarela do Samba”, ou “Avenida”, na linguagem popular arroio-grandense. Os foliões se espremem nas calçadas da Monteiro para verem as escolas desfilarem, cada uma mostrando seu tema enredo, sem estourar o tempo máximo de 55 minutos de apresentação na avenida.

O mês de fevereiro (ou março, dependendo do calendário) é sempre muito aguardado pelos foliões, sejam os que desfilam nas escolas de samba, sejam os que participam dos blocos de rua, ou apenas os que vão para a avenida contemplar o carnaval da calçada ou das arquibancadas. Há alguns anos os clubes sociais já não fazem mais bailes de carnaval, devido à perda de espaço para o carnaval de rua. Contextualiza-se assim os dias de festejos carnavalescos que sacodem a cidade de Arroio Grande.

1.3 Tema e abordagem de pesquisa

Esta pesquisa tem como enfoque evidenciar que os homens gays foram protagonistas do carnaval de Arroio Grande, participando dos bastidores do carnaval, confeccionando fantasias ou desfilando nas escolas. Apropria-se da definição de protagonismo adotado por Noletto (2014). Quem eram estes homens gays? A cidade possui muitos homens, que são conhecidos por todos como sendo gays. Alguns são assumidos⁴, outros não falam sobre isso abertamente. Grande parte deles possui um envolvimento com o carnaval, em vários setores, como os desfiles por exemplo, propiciando esta pesquisa a defender a ideia de que eles foram fundamentais para o sucesso do carnaval de Arroio Grande na década de 1990, época considerada pelos entrevistados como a melhor fase do carnaval da cidade.

Esta pesquisa está estruturada em cima de um diário de campo etnográfico realizado com três homens, conhecidos por grande parte da sociedade, e que integram o cenário gay de Arroio Grande. A partir dos métodos etnográficos baseados em Rocha e Eckert (2008), e também Uriarte (2012), construíram-se diálogos com os interlocutores, para que relatassem suas experiências de vida com o carnaval arroio-grandense da década de 1990, período que surgiu as escolas de samba que existem até hoje. Aliado à etnografia, como modo de embasar a monografia, busca-se em algumas reportagens jornalísticas da década de 1990, relatos que comprovem o

⁴ Na comunidade LGBT, uma pessoa assumida é um indivíduo que vivencia relações homossexuais e reconhece isso perante a sociedade.

protagonismo gay, bem como a importância e reconhecimento do carnaval da cidade de Arroio Grande. A partir de então, com base nos relatos destes homens e nas reportagens jornalísticas levantadas, é feita uma conversa com alguns autores sobre temas referentes à sexualidade e homossexualidade, a exemplo de Butler (2015) e Borrillo (2015), e também sobre o carnaval, a exemplo de Gontijo (2015), Queiroz (1994) e DaMatta (1997); far-se-á assim uma argumentação baseado no que foi relatado e apoiado nos autores que discutem o tema. Também se observa dentro das falas, alguns pontos de como emergem o preconceito e as exigências de um comportamento social pré-estabelecido.

2 TEORIZANDO: HOMOSSEXUALIDADES E O CARNAVAL

O que se sabe sobre as homossexualidades? Por que a homofobia se faz presente em nossa sociedade? Qual a raiz da homofobia? O que se sabe a respeito do carnaval, para além do senso comum como sendo a “festa da carne”? Existe algum significado específico do carnaval para os homens gays? Neste capítulo, em um primeiro momento, serão abordadas questões que visam, através da literatura especializada, responder estas e outras questões, como forma de adentrar o meio das homossexualidades e sua relação com o carnaval. É traçado um contexto, dentro dos períodos históricos aqui explanados, para se entender como as diferentes sociedades, como os gregos e os romanos, lidavam com o comportamento homossexual, bem como buscar as raízes de um pensamento conservador do ponto de vista moral que instaura a homofobia nas sociedades, e normatiza o heterossexual como padrão a ser seguido e defendido por todos. Busca-se com isso compreender a questão social atual da homossexualidade como algo construído no passado, servindo de apoio para que se construa um novo pensamento de mais respeito e aceitação das pessoas LGBT, bem como criação de políticas públicas e leis que garantam direitos igualitários. Como referência para esta conversa teórica, se utiliza autores como Borrillo (2015), Butler (2015), entre outros.

Em um segundo momento, é realizado uma revisão bibliográfica sobre os festejos carnavalescos sob a ótica de alguns autores como Pereira de Queiroz (1994) e Green (2000). A ideia é trazer os pontos de vista de alguns teóricos sobre o carnaval, para se compreender melhor os festejos momescos para além do senso comum. Juntamente com estas definições, é feito também uma leitura desta festa na perspectiva dos gays, como momento de *intensificação* de seus estilos de vida homossexuais, permitidos de forma mais livre publicamente durante o carnaval.

2.1 Contextualizando homossexualidades e homofobia

O Movimento LGBT luta atualmente, dentre outras pautas, por uma maior visibilidade dentro do resto da sociedade, bem como a extensão de direitos que tem abarcado somente os heterossexuais. Anteriormente à sigla LGBT, usava-se GLS numa tradução não-literal, que vinha do inglês *Gays and Lesbians Society*. No Brasil, a letra “S” foi modificada e passou a referenciar “simpatizantes” (GUIA DA PARADA

apud SILVA, 2003, p. 2). Posteriormente, se adotou a sigla LGBT, em referência a lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros⁵. Entende-se “gay” como homens que mantêm relações afetivo/sexuais com outros homens. Do mesmo modo “lésbica” como referência às mulheres. Este termo para as mulheres homossexuais é em decorrência de outras lutas embutidas para além da lesbianidade, como o feminismo por exemplo, ou seja, é marca de um lugar de fala, onde se reconhece a homossexualidade além da luta pela igualdade de gênero. Já os bissexuais são aqueles que possuem atração afetivo/sexual por ambos os sexos. Os transgêneros se percebem como sendo do gênero oposto ao designado pelo seu sexo biológico de nascimento. O termo homossexual pode soar como referência científica, e assim gay e lésbica seria mais apropriado no que diz respeito a uma identidade individual e coletiva, bem como uma luta social que ambos carregam consigo. Ou seja, o termo homossexual seria um termo voltado ao científico, já gay ou lésbica seria algo voltado ao social.

Nesta pesquisa foi escolhido o uso do termo “homossexualidades” no plural. A escolha se dá porque a comunidade LGBT, neste caso a gay, não é homogênea (FERRARI; BARBOSA, 2014). “Elas são atravessadas e determinadas por outras categorias como raça, idade, condição social, local de moradia, entre outras” (idem, p. 214). Compreender estes termos é importante para se adentrar, e não se perder, no denso percurso para análise das homossexualidades através do tempo, bem como traçar um contexto histórico que nos leva buscar a entender as causas da homofobia e do ódio propagado contra alguns grupos com relação aos homossexuais. Além disso, é importante pensar que o movimento LGBT não é um grupo cem por cento coeso, havendo subcategorias, como as citadas por Ferrari e Barbosa (2014), dentro de cada grupo, fazendo com que cada subgrupo possua suas próprias prioridades e interesses.

A homofobia mata. Segundo relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), 343 lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros foram assassinados no Brasil em 2016⁶, correspondendo a um LGBT morto a cada 25 horas, fazendo do país o campeão mundial em assassinatos de minorias sexuais. A crueldade é assustadora. Armas de fogo, armas brancas, enforcamentos, queima e tortura; foram os meios

⁵ Termo que engloba travestis e transexuais (CNCD/MS, 2004).

⁶ Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acessado em 13/10/2017.

utilizados para matar ou aniquilar os corpos das vítimas. Ainda segundo o GGB, dos 343 assassinatos, 173 eram gays, 144 transgêneros, 10 lésbicas, 4 bissexuais e 12 heterossexuais, que tinham alguma ligação com as vítimas, como parentes, por exemplo. As pessoas transgêneros são as mais suscetíveis de serem vítimas, sendo 14 vezes maior que as chances de um gay. Proporcionalmente por número de habitantes, as regiões menos violentas para o público LGBT são as regiões sul e o sudeste, na contramão está a região norte. As informações apresentadas pelo GGB são baseadas em notícias da mídia, internet e informações pessoais, já que o governo não possui tais informações, demonstrando uma violação de direitos por parte do mesmo, que negligencia os homicídios de caráter LGBTfóbico. Sendo assim, pode-se afirmar que a homofobia é institucionalizada pelo governo, que não tem como prioridade, por diversas questões, mapear os crimes de ódio homofóbico, e assim apresentar possíveis soluções para resolver esta questão; como criar leis que punam esses crimes, movidos pelo preconceito e intolerância contra outros indivíduos. O poder judiciário brasileiro é o único que tem garantido alguns direitos aos LGBT em âmbito nacional, como o casamento civil, que desde 2013 é realizado no país, como resolução do Conselho Nacional de Justiça. Já os poderes Executivo e Judiciário se mantêm alheios e negligentes à população LGBT. A principal pauta defendida pelo movimento, a criminalização da homofobia, até hoje não saiu do papel. Pelo mundo, ainda é crime ser homossexual em 72 países. Na contramão, ao longo do novo milênio foram criadas várias políticas de proteção da comunidade LGBT, em maior parte na Europa. Atualmente, mais de vinte e cinco países permitem o casamento entre pessoas do mesmo sexo, sendo a Holanda, em 2001, o primeiro país do mundo a legalizar o matrimônio homossexual.

Como dito, ainda há muitos países que criminalizam os indivíduos homossexuais. Mas, mesmo em nações em que as homossexualidades não são criminalizadas, e que em alguns exista a possibilidade do casamento, a homofobia persiste e faz vítimas, como no Brasil, por exemplo. A homofobia se faz presente em todos lugares, e possui uma razão social e política para existir, como se verá adiante. Problematizar a raiz da homofobia, bem como a construção dos gêneros é fundamental para se questionar práticas discriminatórias que são exercidas tanto pelas sociedades como pelos governos.

A percepção das sociedades com relação ao comportamento sexual dos indivíduos varia através do tempo histórico, assim como, da sociedade e da cultura na

qual os sujeitos estão inseridos. Ocidente e oriente, sociedades capitalistas e sociedades socialistas, democracias e teocracias, monarquias e repúblicas; cada uma delas possuiu ou possuem códigos de conduta sobre os corpos e os comportamentos sexuais da sociedade, a fim de regular um padrão compartilhado por todos e, assim, cristalizar como normal e referência a ser seguido.

As relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo⁷ existem desde os tempos primevos e eram encaradas com naturalidade, sem nenhuma significação além de algo instintivo do ser humano. Na Antiguidade, mais precisamente na Grécia Antiga, as relações homossexuais eram consideradas legítimas, e desempenhavam um papel pedagógico entre um adulto e um menino, chamado de “amor nobre”; assim sendo, este tipo de comportamento era uma regra dentro da sociedade grega (FUNARI, 2013). Na Roma antiga, a relação sexual entre homens não era pedagógica, como na sociedade Grega. Os homens romanos tanto poderiam estar na posição de ativo ou passivo sexual, desde que não se passassem pelo gênero oposto, ou seja, um homem não poderia se passar por mulher, isto era condenável (idem). Deve-se tomar cuidado para não classificar os indivíduos da Antiguidade como homossexuais, pois esta denominação é moderna, e estes indivíduos apenas se viam como praticantes de uma modalidade sexual, assim como o sexo heterossexual (idem). A partir da Antiguidade, a tradição judaico-cristã inaugura uma hostilidade e repressão sobre o indivíduo que praticava o sexo homossexual, e assim ao longo da história os homossexuais foram perseguidos e criminalizados por suas práticas. Com a modernidade⁸ e o capitalismo se desenvolvendo a passos largos,

a heterossexualidade, enquanto projeto político de controle social das massas por um grupo/classe que ascendeu ao poder, foi instituída no século XIX e alicerçada em elementos fornecidos pelas ciências biomédicas (HEKMA, 1996; WEEKS, 1985; FOUCAULT, 1976; apud GONTIJO, 2009, p. 24).

Sendo assim, a heterossexualidade foi estabelecida como padrão social para sustentar a sociedade capitalista e, segundo Gontijo (2009, p. 25), possuía “quatro pilares: o adultismo, o sexismo, a misoginia e a homofobia”. Ainda, segundo Foucault

⁷ O enfoque desta trajetória histórica serão as relações homossexuais entre homens, o que não significa dizer que não há uma história que trata das mulheres.

⁸ Não me refiro a Idade Moderna mas sim na Modernidade como período de modificação da estrutura social no Ocidente, resultando na racionalização da vida econômica, política e cultural; que se cristalizou no século XVIII e perdura até hoje (SILVA e SILVA, 2009, p.297-298)

apud Ferrari e Barbosa (2014), instituições disciplinares como a família, a igreja, a escola, o hospício, a prisão; moldam os indivíduos, transformando-os em “corpos dóceis”, para que estejam de acordo com os interesses da burguesia capitalista.

A homofobia encontra-se ligada a misoginia. Vive-se numa sociedade patriarcal, que valoriza o masculino em detrimento do feminino. Um homem homossexual é visto pela comunidade como alguém que renegou sua condição de macho para se tornar mais feminino, logo, um ser inferior perante o patriarcado. Daniel Borrillo (2015) coloca que a homofobia serve de base para várias questões como, por exemplo, constituição da identidade masculina. Desde que nasce, o homem recebe instruções de comportamento, de como deve ser e agir. “A construção da identidade sexual funciona por antagonismo: assim, o homem é o oposto da mulher, enquanto o heterossexual opõe-se ao homossexual” (BORRILLO, 2015, p. 88). Logo, a homofobia é um elemento do “jeito de ser homem”, e se coloca como um medo dos desejos homossexuais que ele possa vir a ter. O homem gay seria como alguém que transgrediu essa regra e externalizou seus desejos amorosos/sexuais pelo mesmo sexo. No plano psicológico, a homofobia afeta de forma irracional o sujeito homofóbico agressivo que não consegue lidar e acaba lutando “contra seus próprios desejos homossexuais” (idem, p. 97).

O novo milênio trouxe consigo alguns países que ampliaram direitos, como o casamento homoafetivo. Porém, ainda há muitos países que não colocam os LGBT como grupo a ser protegido pelas leis do Estado. Muitas das críticas para que não se estenda à população LGBT direitos igualitários advêm do fato de que ela põe em questão a dicotomia masculino/feminino, que é a base da ordem sexual na atualidade. As categorias de distinção de “homem” e “mulher” servem de base para justificar as desigualdades de direitos, assim, privilegiando o sexo masculino em detrimento do feminino. Logo, a manutenção desta dicotomia pressupunha a manutenção de outra: heterossexual/homossexual. Logo, se não houvessem diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito aos sujeitos de direito, e ambos fossem tratados da mesma forma, gays e lésbicas poderiam garantir direitos, como o casamento. Por este motivo as práticas homossexuais são condenadas (BORRILLO, 2015). “Eis por que a igualdade das sexualidades é percebida como uma iniciativa subversiva, suscetível de ameaças à ordem estabelecida dos sexos” (idem, p. 93).

Outra autora que traz reflexões para que se possa pensar este tipo de questão é Judith Butler. A filósofa estadunidense em seu livro *Quadros de Guerra: quando a*

vida é passível de luto? (2015) nos faz refletir sobre os códigos morais que regem a sociedade e fazem com que os indivíduos tenham que se comportar de determinado modo para que sua vida seja considerada como uma vida passível de ser apreendida como tal, para que assim seja valorizada e protegida. As sociedades constroem padrões de conduta que devem ser seguidos por todos. Aqueles que fogem à regra, como homossexuais, mulheres que não vivem de acordo com o papel atribuído ao gênero feminino, minorias religiosas, entre outros; recebem um enquadramento diferenciado pelos demais, e assim não são concebidos como seres dignos de serem protegidos. Nas palavras de Butler:

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras (BUTLER, 2015, p.13)

Apreender uma vida, ou um grupo de vidas, como precária possibilita duas ações: protegê-la ou destruí-la. Mas, sobretudo, entender como algumas vidas se tornam precárias é o que importa, para que assim se possa reivindicar posições de direito dentro da sociedade. Fazendo uma análise dentro do contexto das homossexualidades, a questão dos enquadramentos que Butler traz é interessante para se pensar o tratamento dado a diferentes homossexuais que se apresentam em diferentes contextos sociais. Isso poderá ser percebido mais adiante, nos próximos capítulos, onde é feita uma etnografia com homens gays no carnaval de Arroio Grande, ficando evidente as distinções sociais que alguns possuem e são reconhecidos dentro da sociedade. Assim, baseado no que expõe Gontijo (2009), aqueles homossexuais que se encaixam no padrão heteronormativo são mais aceitos pela sociedade, em detrimento daqueles que rompem com a barreira do masculino e do feminino. A vida destas pessoas não recebe o mesmo tratamento do que outras vidas que se moldam aos padrões sociais impostos pela sociedade burguesa capitalista. Neste aspecto, nos diz Butler:

a capacidade epistemológica de apreender uma vida é parcialmente dependente de que essa vida seja produzida de acordo com as normas que a caracterizam como uma vida ou, melhor dizendo, como parte da vida (BUTLER, 2015, p.16).

Fazendo uma comparação: aquele homem gay que vive de uma forma heteronormativa, austera, que possui um grau de instrução educacional maior e uma renda que o coloca num patamar social diferenciado, com toda a certeza é um indivíduo mais passível de luto (ou seja, uma vida que será sentida pelos demais caso seja perdida ou lesada de alguma outra forma), nos termos de Butler, do que um outro homem gay afeminado, de baixa instrução educacional e que viva uma realidade econômica de mais vulnerabilidade.

Como se viu, os gays sempre foram e ainda são perseguidos de várias formas, seja pelos dogmas religiosos ou seja pela ideologia heteronormativa implementada pelo Estado no período contemporâneo. O movimento LGBT atualmente utiliza-se de várias formas e estratégias para convencer a sociedade e o Estado de suas ideias e proposições para que as leis contemplem a comunidade. Uma das estratégias é, por exemplo, a afirmação de que a sexualidade é algo que nasce com o indivíduo, logo, algo que não poderia ser escolhido, restando apenas a aceitação. Fato é que independente de a preferência afetivo/sexual por pessoas do mesmo sexo ser uma escolha ou não, “a homossexualidade deve ser considerada, de agora em diante, como uma forma de sexualidade tão legítima quanto a heterossexualidade” (GONTIJO, 2015, p.14), portanto, respeitada por todos, sendo escolhido ou não.

2.2 Carnaval e suas perspectivas

As literaturas que tentam teorizar sobre o carnaval apresentam vários enfoques e definições acerca do que seria o festejo carnavalesco. Segundo Silva (2003), há um ponto em comum a vários trabalhos: “a de que o carnaval seria um momento de *inversão* da estrutura social, de suspensão das regras hierarquizantes do cotidiano” (SILVA, 2003, p. 6). O autor que mais representa esta tese é DaMatta (1997), que coloca esta festa como um modo alternativo para que as coletividades se comportem de forma que não se comportam no cotidiano, algo que durante a vida rotineira pareceria impossível se torna, no carnaval, possível (DaMatta apud SILVA, 2003). Em outras palavras, a análise socioantropológica de DaMatta coloca que em nossa sociedade brasileira, marcada pelos problemas sociais de desigualdade, os festejos momescos seriam um momento em que as regras hierárquicas vigentes se rompem, e assim nestes dias de carnaval prevalece a igualdade e os espírito democrático, com

a quebra da hierarquia social (DaMatta apud GONTIJO, 2009). Mesmo como tentativa de definição, deve-se tomar cuidado com generalizações, já que os festejos podem se configurar de diversas formas de acordo com a localidade na qual está inserido, variando assim de acordo com a sua localidade (SILVA, 2003).

Uma autora, que faz crítica a inversão carnavalesca, é Maria Isaura Pereira de Queiroz. Ela diz que os autores que afirmam o carnaval como rito de *inversão* fizeram isso teorizando as opiniões encontradas no meio dos foliões, onde se desenvolveu uma ideia que ao ver da autora é errônea. Segunda ela, o êxtase dos foliões com relação ao festejo não quebra com a hierarquia social, nem com valores e preconceitos vigentes na sociedade (Queiroz apud SILVA, 2003). A autora afirma que é notável durante os festejos “a separação entre espectadores e foliões nas ruas, e na presença dos diferentes grupos sociais, cada um em seu respectivo bloco carnavalesco” (QUEIROZ, 1994, p. 27). Pereira de Queiroz faz um estudo de caso em três cidades de pequeno e médio porte para verificar como se comportam os foliões durante os festejos. Fica claro que não ocorrem ritos de inversão, pelo contrário, a hierarquia é reafirmada o tempo todo:

Os bailes carnavalescos, realizados sempre em clubes, estão abertos aos sócios ou a pessoas convidadas por estes; as entradas são pagas, mesmo a dos sócios, e a dos convidados são naturalmente mais caras. Os clubes realizam à noite bailes para os adultos, não admitindo, em geral, menores de 18 anos. Porém à tarde existem sempre bailes chamados “infantis”, em que adolescentes se entregam à dança e ao canto, juntamente com as crianças. Na menor das três cidades, Tatuí, é encontrado menos rigor na separação etária dos bailes noturnos, onde se divertem jovens de ambos os sexos, a partir de 14 anos de idade. No entanto, a separação econômica é rigorosa nas três cidades: os mais abastados frequentam os clubes da alta, há clubes mais modestos e até mesmo clubes considerados de operários, em geral associados a pequenos times de futebol. Seria impensável que as pessoas de mais posses da cidade fossem aos bailes destes dois últimos clubes, a não ser por curiosidade, para se divertirem com a falta de jeito dos matutos (QUEIROZ, 1994. p. 29).

Nesta passagem podemos perceber a distinção de classes sociais, bem como de distinção etárias. Cada grupo separado por idade e renda, ficando restrito à sua “turma”, notando-se, no caso da diferenciação por renda, que não há *inversão* de valores, não há durante o carnaval uma conexão festiva entre ricos e pobres. Ambos se divertem e aproveitam o carnaval, mas cada qual no espaço reservado a sua classe social. Isso poderá se conectado com a etnografia que é apresentada nos próximos

capítulos, onde mostra-se a distinção dos clubes sociais e o público que frequentava os mesmos, podendo ser percebido a fala de Queiroz.

Com relação aos desfiles de rua a autora expõe que:

Nas três cidades, o Carnaval de rua é sempre um desfile de grupos fantasiados, patrocinado pela prefeitura local, que dá comumente o seu aval, assegura o policiamento, podendo ou não oferecer também uma subvenção (QUEIROZ, 1994. p. 29).

Esta questão também pode ser observada no carnaval de Arroio Grande. As escolas de samba recebem uma quantia em dinheiro todos os anos para ajudar nos custeios com os desfiles, ou seja, são financiadas em grande parte pela prefeitura municipal. Como complemento à verba que a prefeitura disponibiliza, cada escola durante o ano organiza jantares, bingos e rifas; já que é custoso para as escolas de Arroio Grande organizar, confeccionar e colocar os desfiles na avenida.

O autor James Green historiciza sobre o carnaval através da perspectiva das homossexualidades no século XX, de como esses grupos marginalizados se utilizavam dos festejos momescos para se auto afirmarem.

Para muitos homossexuais brasileiros, o carnaval, mais do que significar um ato de inversão, propicia a oportunidade para uma intensificação de suas próprias experiências como indivíduos que transgridem papéis de gênero e fronteiras sexuais socialmente aceitáveis o ano inteiro. Assim, a tese da inversão no uso da rua de Da Matta aplica-se apenas em termos relativos às atividades homosociais e homossexuais, pois para homens com esse comportamento a rua é um espaço público privilegiado durante todo o ano. Durante os quatro dias do carnaval, os membros dessa subcultura simplesmente transformam as ruas em uma arena mais pública. O que havia sido discretamente dissimulado numa infinidade de exercícios diários de ocultação torna-se uma apresentação aberta sem as sanções sociais (GREEN, 2000, p. 335).

Sendo assim, para Green ocorre entre os gays uma *intensificação* de suas práticas nos festejos momescos, já que a rua é um lugar onde estes homens gays estão presentes, de forma oculta ou não, durante todo o ano. Neste aspecto, Green ressignifica a ideia de *inversão* proposta por DaMatta, aproximando do tema dos homens gays. Esses e outros sentidos poderão ser observados na etnografia feita com os homens protagonistas do carnaval de Arroio Grande. Já, olhando pela ótica de Pereira de Queiroz, os grupos separados que existem dentro do carnaval deixam

claro que não ocorre uma *inversão* de classe ou ordem social. Por exemplo, no carnaval de Arroio Grande existiam clubes sociais dedicados a cada classe social e a distinções étnicas, havendo um clube dedicado aos negros. Dentro dessa lógica da distinção, pelas ruas, os gays “bem vistos” pela sociedade, não andavam com aqueles “malvistos”, como se poderá perceber mais adiante.

Parece claro o tratamento dado ao comportamento afetivo/sexual homossexual ao longo da história, bem como a virada no entendimento sobre a homossexualidade com a tradição judaico-cristã. É evidente que a religiosidade instaurou uma moral sobre os corpos que, mais tarde, é reafirmada com a modernidade, aprisionando os indivíduos a papéis sociais, pensado para sustentar a sociedade de mercado. Porém, os gays buscaram meios para se firmarem como seres sociais. Um desses meios é o carnaval, onde intensificam-se as relações evidenciando a vida homossexual, fazendo com que a sociedade tenha contato e, de forma sutil, aos poucos naturalize estes indivíduos em seu cotidiano, reconhecendo eles como seres sociais de igual valor. Nos próximos capítulos, busca-se perceber o destaque dos gays dentro do carnaval de Arroio Grande, e poderá se perceber essas nuances ao longo do trabalho de campo etnográfico.

2.3 Ouvir e descrever: realizando uma etnografia

Para alcançar os resultados desejados, recorre-se ao método etnográfico, como parte da pesquisa antropológica para obter os relatos do interlocutor, a partir dos quais se poderá interpretar e analisar o carnaval, aliado aos demais relatos que serão apresentados ao longo deste trabalho. As informações que serão analisadas aqui, foram obtidas através de “uma inter-relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado”, utilizando “as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas” (ROCHA E ECKERT, 2008, p. 1). O pesquisador coloca-se na posição de ver e ouvir o que o interlocutor tem a dizer, bem como interagindo com ele (*idem*). O etnógrafo precisa deslocar-se de sua cultura para mergulhar no fenômeno analisado, para entendê-lo e descrevê-lo da melhor maneira possível. Neste momento a ideia é apenas deixar o interlocutor a vontade e dizer tudo o que quer, sem se preocupar em ouvir apenas o que se quer ouvir, mas sim deixá-lo livre para se expressar. Enquanto isso, o pesquisador escuta e aponta os relatos, sem se preocupar com prévias análises, deixando isto para um momento posterior.

Transcreve-se longas conversas nos mínimos detalhes, já que não se sabe o que será utilizado na pesquisa posteriormente, quando se fará uma seleção de tudo o que foi dito para ser posto aqui em análise (URIARTE, 2012).

3 A DÉCADA DE OURO DO CARNAVAL

O carnaval de Arroio Grande possui reconhecimento em grande parte da região sul do Rio Grande do Sul. Sua trajetória, com escolas de samba em concursos oficiais, como se conhece atualmente, tem início em 1990⁹. No final da década (1980) anterior, o então secretário de turismo reuniu representantes dos bairros da cidade para incentivar a criação de escolas de samba, com a finalidade de reerguer o carnaval que se encontrava em decadência. Assim, no ano de 1990 foi fundada a E. S. Unidos de São Gabriel¹⁰, nas cores azul, verde, amarelo e branco, tendo como símbolo o anjo Gabriel. Posteriormente, no mesmo ano, foram criadas a E. S. Samba no Pé e a E. S. Unidos do Promorar, ambas, antes de serem oficializadas como escolas de samba, eram blocos. A Samba no Pé foi fundada nas cores vermelho e branco, com a onça pintada como símbolo da escola. Já a Unidos do Promorar foi oficializada nas cores verde e rosa, com a pomba branca simbolizando a agremiação. Além destas três escolas, havia a Castelo Branco¹¹, escola remanescente da década de 1980, mas que desfilou no concurso oficial em 1990, ficou em quarto lugar e se desintegrou logo após o término do carnaval, no mesmo ano. No decorrer da década de 1990, em 1997, foi fundada a E. S. Unidos da Ponte.

Logo nos primeiros anos do carnaval, na década de 1990, uma reportagem do Jornal A Evolução, de 1992, destaca o sucesso dos primeiros anos dos festejos na cidade, após uma reestruturação promovida pelo executivo municipal, secretários, juntamente com os moradores locais. Neste trecho¹² da reportagem, segue:

Em 1990, após um ano de governo Flávio Pereira a administração volta-se, na área de turismo, para o Carnaval Municipal, até então pouco difundido em Arroio Grande, surgem então as grandes vedetes da folia de rua: as escolas de samba. Encaradas com muita seriedade por parte de suas diretorias, as primeiras escolas de samba do nosso carnaval começam a crescer com muita força [...] (Jornal A Evolução, 1992).

⁹ Informações extraídas da conversa que tive com Victório, pesquisador local da história de Arroio Grande, em 28 ago. 2017.

¹⁰ Neste trabalho se abordará apenas as escolas de samba adultas, ou seja, agremiações voltadas para público adulto. Não será trabalhado aqui escolas de samba mirins, que são voltadas para o público infantil.

Nas próximas vezes que aparecerá o nome desta e das outras agremiações, poderá ser usado apenas o nome popular das mesmas, reconhecido pelo público arroio-grandense, sem a necessidade de utilizar todo o nome das escolas, assim ficará: São Gabriel, Samba no Pé, Promorar e Unidos da Ponte.

¹¹ Não foram encontrados maiores detalhes desta escola e também da Unidos da Ponte, tais como cores e símbolos oficiais.

¹² Íntegra da reportagem no ANEXO I.

Ao trabalhar com a etnografia, tive como meu primeiro interlocutor Victório, que também se intitula por vezes como Vic. Ele é uma referência no que diz respeito à história de Arroio Grande, pois é engajado em descobrir os fatos do passado do município, possuindo um vasto acervo a respeito de vários temas referentes à cidade, entre eles o carnaval. Devido ao seu interesse pela história da cidade e a memória do carnaval, Victório foi a primeira pessoa que procurei quando decidi colocar o carnaval de Arroio Grande como central para minha pesquisa de conclusão de curso. A ideia era ter uma abordagem mais ampla sobre a história do município, portanto, pensei ser fundamental que fosse Victório meu primeiro entrevistado logo que delimitar o tema deste trabalho. Outro motivo pela escolha é o fato dele ser um dos personagens do carnaval arroio-grandense desde os anos 1990, que segundo o próprio, foi o melhor de toda sua trajetória carnavalesca.

Para alcançar êxito na busca por respostas sobre o tema aqui pesquisado, será utilizado o método etnográfico, como colocado no capítulo anterior. Com base em ROCHA e ECKERT (2008) e URIARTE (2012), o pesquisador se insere no campo a ser analisado, neste caso, na vida dos homens gays que participaram do carnaval de Arroio Grande nos anos 1990. Através de conversas informais e formais, dependendo do caso, tratou-se de extrair desses homens seus relatos de vida sobre os festejos carnavalescos daquela década. Após as conversas, realizou-se uma análise do que foi dito com base nos textos teóricos que dizem respeito aos assuntos abordados.

3.1 Brilhando no abre-alas

O historiador James Green, em seu livro *Além do Carnaval - A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), faz uma ressalva a tese de DaMatta (1997), dizendo que o carnaval para os homossexuais brasileiros é um momento de *intensificação* de suas práticas transgressoras “dos papéis de gênero e fronteiras sexuais socialmente aceitáveis o ano inteiro” (idem, p. 335). Ou seja, o carnaval é o momento em que o gay pode se sentir livre e intensificar para a sociedade sua preferência e estilo de vida homossexual.

O carnaval era o momento mais aguardado por todos, onde se extravasava, brilhava, chamava a atenção, e sempre foi. (VICTÓRIO)

A fala de Victório exemplifica o que diz James Green. Para os gays de Arroio Grande, os festejos carnavalescos eram o grande momento que eles tinham para “se aparecerem”, colocarem suas preferências de vida em evidência para toda a sociedade, que os reconhecia silenciosamente como homens homossexuais ao longo do ano, mas que se *intensificava* e notabilizava-se durante o carnaval.

Na conversa, Victório não falou somente das experiências dele com o carnaval de Arroio Grande, mas relatou de modo geral e mencionou outros gays que participaram dos festejos. Um deles foi Célio que começou o ano de 1990 desfilando de destaque. Victório conta:

Na Samba no Pé o [destaque] abre-alas era o Célio, vestido de mulher, em cima de um reboque de caminhão porque não tinha estrutura...não era que nem hoje. (VICTÓRIO)

Com “*não era que nem hoje*”, ele quer dizer que atualmente as escolas de samba de Arroio Grande possuem uma estrutura bem melhor do que tiveram no passado, no que diz respeito aos carros alegóricos, que são bem maiores e realmente possuem os moldes de uma alegoria típica de desfile carnavalesco, como se conhece atualmente. Naquela época era uma pequena estrutura puxada por tratores, tudo muito improvisado, mas que não apagava o brilho intenso dos desfiles carnavalescos.

É interessante cruzar a fala do Victório: “*vestido de mulher*”, com o trabalho de Marco Aurélio Silva (2003), que na sua dissertação de mestrado sobre uma parte do território da Ilha de Santa Catarina, busca evidenciar, apoiado em Green (2000), entre outros teóricos, nos festejos carnavalescos, a *intensificação* de fenômenos associados à homossexualidade, onde o carnaval seria um ponto-chave para se entender esse processo. O autor coloca que, em suas idas ao carnaval nesta parte de Florianópolis, nunca tinha percebido como sendo um “espaço gay”, somente um lugar em que havia “homens vestidos de mulher” (SILVA, 2003). Para Silva, o fato de não se considerarem a maioria desses “homens vestidos de mulher” como gays e integrantes de um local marcado por esse público, é consequência de um tabu. E assim, ser gay em Florianópolis é viver na clandestinidade (idem). Com isso não se

pretende dizer que o carnaval de Arroio Grande era uma festa exclusivamente gay. Mas, é importante perceber que a sociedade não reconhecia eles como indivíduos, pertencentes a uma comunidade diversa, que possuíam uma marca própria dentro do carnaval da cidade. Poderiam pensar o mesmo que Silva (2003), como sendo um local em que havia “homens vestidos de mulher” e não como um “espaço gay” dentro do carnaval.

Rafael da Silva Noleto (2014) numa reflexão sobre os concursos “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix”, que são promovidos pela Prefeitura de Belém e pelo governo do Pará, define o que seria protagonismo dentro destes eventos que ocorrem naquela cidade. O protagonismo estaria marcado na participação dos homossexuais e transgêneros, na produção do evento, trabalhando nos bastidores, elaborando coreografias e/ou figurinos, maquiagem e na organização do evento; ou também participando diretamente como candidatos dos concursos ou se apresentado para o público (NOLETO, 2014). Isso pode ser interligado com as falas de Victório quando se referiu ao carnaval, seja nos bastidores das escolas de samba: *“em 95 eu já era carnavalesco, junto com outros, era um grupo de quatro carnavalescos, [dos quais] gays era eu, o Alessandro e o César”*; seja desfilando na Dr. Monteiro: *“o Célio sempre [desfilando no carro] abre-alas da Samba no Pé de 90 até 95. Em 96 fui eu [o destaque¹³ do carro]*; ou envolvidos com as cortes dos clubes sociais: *“as rainhas sendo bajuladas, ajudando elas, desenhando as roupas”*. Essas citações mostram que estes homens estavam penetrados em todos setores dos festejos carnavalescos, participando de vários modos, e especialmente, sendo reconhecidos.

Em vários outros momentos da conversa, pode-se observar a presença dos gays dentro do carnaval. Na Samba no Pé, como já foi dito, o destaque foi dado para Célio, que começou a desfilar como destaque no carro abre-alas de 1990 até 1995, passando como destaque para o segundo carro alegórico, desfilando de 1996 até 1997. Victório não possui recordação de Célio desfilando depois desse ano. O Everaldo, que segundo Victório era uma das grandes figuras do carnaval daquela década, *“sempre em cima de carro abre-alas, de destaque”*, começou desfilando na São Gabriel em 1990 e, posteriormente, em 1994, passou a ser destaque da Promorar. Na Castelo Branco, em seu desfile no ano 1990, o mestre-sala era o Júlio., outra figura deste carnaval.

¹³ Personagem central do carro alegórico.

3.2 Dos gays “decentes” aos gays do “submundo”

A tradição judaico-cristã deu início, através de sua doutrina, a uma condenação e perseguição de pessoas que possuíam uma prática sexual diversa da considerada natural do ser humano (BORRILLO, 2015). Com a modernidade e o advento do capitalismo, dispositivos reguladores da sociedade foram tomados, a fim de controlar a vida afetiva/sexual das pessoas, servindo de alicerce e coesão social. Instituições disciplinares como igreja, hospício, família e escolas, serviram como meios para propagar, reproduzir e normatizar a conduta afetivo/sexual de todos (FOUCAULT *apud* FERRARI e BARBOSA, 2014).

Nesse contexto, na segunda metade do século XX, a revolução sexual propiciou uma maior permissividade para se viver prazeres sexuais, com algumas influências do mercado capitalista que queria vender o prazer erótico a todos. Com isso os gays começaram a construir sua identidade social e a lutar por uma maior visibilidade que até então era negada a eles. Paralelo a isso, com o surgimento e difusão do HIV/AIDS na segunda metade dos anos 1980, muda-se drasticamente o panorama dos hábitos culturais da comunidade gay. A partir de então, surgem homens preocupados com o corpo, querendo mostrar boa forma física e aparência sadia (GONTIJO, 2009). A doença foi associada ao público homossexual, fazendo com que os homens gays fossem estigmatizados pela sociedade e responsabilizados pela propagação da enfermidade, transmitida em grande parte por contato sexual desprotegido. Os homens gays, marcados por esses preconceitos buscaram formas para driblar a homofobia, visando aceitação de suas vidas por parte da sociedade como, por exemplo, viver de acordo com o padrão heteronormativo.

A homofobia tem em suas raízes a misoginia. Uma sociedade que desde a instalação do sistema patriarcal valoriza tudo o que remete ao masculino e inferioriza tudo o que se assemelha ao feminino, acaba enfrentando grandes problemas para lidar e conviver com indivíduos homossexuais. Para a sociedade, um indivíduo que nasce com o sexo biológico “homem”, é ensinado desde pequeno que deve valorizar e a se comportar de acordo com os papéis socialmente construídos e disseminados para cada um dos sexos (BORRILLO, 2015). Logo, o indivíduo que difere desta norma acaba sendo marginalizado, considerado desviante como se tivesse renegado sua natureza “macho”. *“Portanto, o acúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-*

se a *feminilidade*” (idem, p. 88) e isso numa sociedade construída em cima da “heteronorma”¹⁴ provoca forte reação de repulsa e aversão em cima destes homens, transgressores das regras sexuais socialmente impostas.

Todo esse contexto pode ser exemplificado pelas reações dos arroio-grandenses quando viam homens gays desfilando nas escolas de samba, com fantasias consideradas “ousadas”. Havia aqueles homens que todos sabiam que eram gays, mesmo que não fossem assumidos, e que usavam fantasias luxuosas, com plumas, pedras, bordados. Mas havia também aqueles que eram considerados “caricatos”, que não “sabiam se comportar”, estes causavam indignação e comentários negativos da população. Victório relata:

Lá no começo na década de 90 eu me lembro do Elder, pelado, praticamente. Foi a primeira vez que eu vi uma bicha de teta, vestida de sereia dentro de uma piscina. Ele atirava água na cara das pessoas, de peruca loira, de calda de sereia com a cola para fora da piscina.

[...]

Foi um comentário na calçada, as crianças vendo aquilo. [As pessoas diziam] Um homem de teta de fora, que coisa bem feia. Um travesti pelado em cima do carro. Mas na verdade ele tava sem camisa. Uma tetinha de hormônio, não era nada, entendesse. Mas era um travesti, não era normal, não era comum.

[...]

O Elder nós [ele e os amigos] íamos para a concentração para ver ele de sereia para nos atirar água. Eu achava muito estranho um homem de teta. (VICTÓRIO)

A figura deste homem e as reações dadas a sua fantasia expressam o imaginário que a sociedade possui com relação aos gays. Sabe-se que esses homens possuem uma sexualidade diversa da maioria, respeita-se (as vezes) e convive-se com eles, desde que mantenham um comportamento padronizado heteronormativo. Porém, quando homens transgridem os padrões da heteronorma, são logo taxados dos piores nomes possíveis, ficando à margem e estigmatizados, como indivíduos inferiores e que não sabem se comportar em público. Assim, pensando no que diz Butler (2015), estes homens acabavam se tornando não passíveis de luto, por não se enquadrarem no padrão desejado pelo resto da sociedade. De modo geral os gays bem vistos eram aqueles possuíam um comportamento comedido e com fantasias menos “extravagantes”. Victório relata:

¹⁴ Gontijo (2009) define heteronorma como termo ligado ao “mito da heterossexualidade”, que tenta explicar o mundo dos desejos e afetos com o intuito de garantir a estabilidade moral. Esta ideia é criada no século XIX, mas tenta-se colocá-la como uma concepção já naturalizada.

Os gays sempre eram os mais aguardados nos desfiles porque sempre eram as fantasias mais acabadas, mais luxuosas. Os mais aguardados eram o Everaldo e o Célio.

[...]

Eles estavam ali porque tinham que brilhar na maioria das vezes nos carros.
(VICTÓRIO)

Deste modo, o protagonismo fica por conta daqueles homens que tem um destaque em carros alegóricos ou em outras alas, mas que adotam um comportamento comedido que, usando uma expressão recorrente na linguagem popular, “sabiam se comportar”; e que por isso eram respeitados pela sua arte no carnaval e *glamour* nos desfiles, sem passar pela questão homossexual, que fica de fora neste caso. Victório possui seu conhecimento neste aspecto, sendo um carnavalesco conhecido e tendo seu trabalho reconhecido por grande parte das pessoas. Fazendo uma cronologia da participação do Victório no carnaval de Arroio Grande, tem-se: em 1992, saiu na ala mirim da Samba no Pé; nos anos de 1993 e 1994 participou nas Cortes dos clubes sociais; de 1995 a 1998 foi carnavalesco em conjunto com outros desenhistas; em 1996 e 1997 foi destaque do abre alas da Samba no Pé; já em 1998¹⁵ foi abre alas da Unidos da Ponte; a partir de 1999 seguiu como carnavalesco em trabalho solo.

A conversa com Victório traz, além de relatos pessoais, muitas histórias de outros homens envolvidos com o carnaval da cidade, já que Victório possuía, e ainda possui, muitos deles e seu círculo de relações. Sua trajetória é de sucesso dentro do carnaval de Arroio Grande, tendo ele se tornado um dos (senão o mais) carnavalescos mais famosos do município, trazendo muitos títulos às escolas que ele desenhou, se tornando assim, um dos protagonistas do carnaval.

¹⁵ Ver imagem no ANEXO II.

4 “EU ERA UMA RAINHA”

Este capítulo abordará as conversas realizadas com mais dois homens envolvidos com o carnaval arroio-grandense, na década de 1990. O primeiro, tendo maior destaque em cima de carros alegóricos e sendo reconhecido por parte da sociedade como um ícone dos festejos carnavalescos. Já o segundo tem ligações com clubes sociais e também com escolas de samba, desfilando vários anos na comissão de frente. Como forma de criar um contexto carnavalesco da época, é feita relações dos relatos desses homens com o que foi exposto por Victório no segundo capítulo. Também é feito aqui relações entre os relatos dos interlocutores com a bibliografia existente sobre o tema.

O primeiro interlocutor é Everaldo, considerado por muitos dos arroio-grandenses como sendo uma referência no que diz respeito ao carnaval da cidade. Durante nossa conversa, e até mesmo quando me apresentei, lhe falei o tema que iria abordar e não fiz referência aos termos “gay” ou “homossexual”. A escolha por não dizer essas palavras se deu pela idade avançada de Everaldo. Geralmente homens gays mais velhos não se sentem confortáveis em falar sobre homossexualidade, mesmo a vivenciando. Isso é uma característica muito encontrada em homens gays que residem em cidades pequenas, independentemente da idade em muitos casos. Ferrari e Barbosa (2014) numa etnografia com homens gays em cidades de interior colocam que “em muitas dessas cidades do interior a homossexualidade é exercida mas não pronunciada” (idem, p. 217). Ou seja, eles vivem e praticam a homossexualidade de forma livre, mas não aberta, no sentido de se pronunciarem como indivíduos homossexuais. Isso é reflexo, em grande parte, de que cidades menores tendem a ser mais conservadoras do ponto de vista moral. Especialmente, fazendo um recorte local, a cultura gaúcha dominante – e provavelmente, não apenas a gaúcha – valoriza a masculinidade, cobrando dos homens que adotem a postura de “gaúcho macho” (LEAL apud PASSAMANI, 2011). Sendo assim, optou-se por fazer referência a homens envolvidos diretamente com o carnaval, desfilando nos carros alegóricos ou desenhando as fantasias. Desta forma, como a maioria destes homens envolvidos nestas áreas são homossexuais (assumidos ou sabe-se que é, mesmo que eles não falem abertamente), o entrevistado se perceberia como membro deste grupo, sem que fosse preciso fazer menção as palavras “gay” ou “homossexual”, que

poderiam fazer o interlocutor não se sentir à vontade no primeiro momento para conversar sobre estes assuntos.

4.1 O protagonismo gay em todos os setores do carnaval

Everaldo é uma celebridade do carnaval de Arroio Grande. Seu carisma, suas fantasias com riquezas de detalhes nos bordados, com belas plumas, veludos e camafeus; formam um conjunto que os foliões ovacionam quando passa na Monteiro. No decorrer da etnografia fica evidente como Everaldo era bem visto e referendado por grande parte das pessoas, algo que Victório também relata em conversa. Em um dado momento Everaldo coloca que:

As minhas sobrinhas contam que às vezes estavam na passarela [Monteiro], e tinham umas senhoras esperando na calçada. E eu não aparecia, me atrasava [para desfilarmos na escola]. E elas conversavam [as senhoras entre si]: mas o Everaldo, será que não vem? Ficavam naquela ânsia de me ver. Porque o pessoal se acostumou comigo (EVERALDO).

O mesmo cenário também pode ser percebido na fala de Victório, onde “os *mais aguardados eram o Everaldo e o Célio*”, evidenciando o papel de destaque dado a ele nos festejos carnavalescos. A grande maioria das pessoas aguardava a passada de Everaldo pela Monteiro para ver sua fantasia, sempre considerada uma das mais bonitas, muitas ganhadoras de prêmios em concursos no Canecão, baile¹⁶ onde muitos foliões se encontravam depois do término dos desfiles para continuar a folia.

Com relação às senhoras da sociedade, Everaldo conta que (não se lembra exatamente de quando começou, mas foi próximo do final da década de 1990) num jantar que houve para arrecadar fundos para o desfile da Promorar¹⁷, quando foi convencido pela diretora da escola a fazer uma dublagem e a se travestir de Ângela Maria. Ele relata que ficou nervoso com isso, visto que, em suas palavras, “*nunca tinha me travestido*”. Ele se travestia em festinhas na casa de amigos, mas nunca em público. Contudo, fez a dublagem no jantar e segundo ele quando se apresentou, observou o pessoal “*tudo me aplaudindo de pé*”. Depois desta apresentação, nas próximas que se sucederam, as pessoas iam comprar o ingresso e já perguntavam se

¹⁶ Local onde ocorre música e dança.

¹⁷ É comum ao longo do ano as escolas de samba realizarem ações como forma de juntar dinheiro para auxiliar no custeio do desfile da escola no carnaval seguinte.

ele se apresentaria de novo. Assim, Everaldo começou a fazer apresentações travestido de outras cantoras também, como Alcione e Perla. “*As senhoras da sociedade [...] me davam vestidos de gala*” para que ele se apresentasse nos jantares. Percebe-se com isso que grande parte da sociedade gostava de vê-lo travestido em apresentação, de forma artística.

O brilho e o protagonismo de Everaldo, dentro do carnaval da cidade simpatia, está inserido no período de grande fama que os festejos carnavalescos tiveram na cidade de Arroio Grande. Neste trecho de uma reportagem vinculado ao Jornal Regional de 1990, fica expresso o quão importante era o carnaval para a cidade e para a região sul do estado, que em alguns anos da década de 1990 recebeu reconhecimento por isso, com o título de melhor da zona sul. No trecho da reportagem, com a manchete “Carnaval é considerado o melhor da Zona Sul”, revela-se:

Longe de qualquer bairrismo, é um orgulho para todos nós arroio-grandenses recebermos o título de “Melhor Carnaval da Zona Sul”. Aliás, partiu do Jornal Diário Popular, um dos mais conceituados órgãos de Imprensa do Estado, ainda em 1998, destacar que em Arroio Grande o carnaval estava se transformando na maior festa da região, fato que voltou a acontecer este ano [...] (Jornal Regional, 1999).

Neste trecho¹⁸ da reportagem, onde relata-se que o Jornal Diário Popular, da cidade de Pelotas, destaca a importância do carnaval da cidade de Arroio Grande, fica claro que os festejos carnavalescos tiveram grande relevância, tanto para os arroio-grandenses como para a região sul do Rio Grande do Sul.

O segundo interlocutor neste capítulo é Fernando, outro homem deste cenário carnavalesco, iniciando sua participação no carnaval desfilando na comissão de frente¹⁹ da Samba no Pé. Em 1994 ele passou a desfilhar na São Gabriel²⁰, também na comissão de frente. Além disso, Fernando organizava as coreografias das cortes dos clubes sociais. Perguntado se achava que os homens gays foram parte fundamental para o considerado sucesso do carnaval dos anos 1990, ele relata:

¹⁸ Ler a íntegra no ANEXO III.

¹⁹ É quesito avaliado de uma escola de samba, composto por um grupo de pessoas que fazem uma saudação ao público e apresentam a escola vai passar.

²⁰ Ver foto no ANEXO IV.

Foram importantes sim. Estavam sempre organizando coreografias para as soberanas²¹, desfilavam nas escolas de samba como destaque ou passistas. Estavam sempre no meio (FERNANDO).

Quando perguntado sobre a participação dos gays no carnaval de Arroio Grande, a resposta de Fernando é bem próxima a de Victório, quando ambos relatam praticamente com as mesmas palavras: *“pela mão dos gays que a gente vai ter escolas de samba. Escola de samba sai sem fantasia? Não. Tirando alguns, o resto todos eram gays. Também numa passagem relatou sobre as cortes dos clubes sociais e a presença dos gays: “as rainhas sendo bajuladas, ajudando elas, desenhando as roupas”*. Isto evidencia, em ambas as falas, que os gays estavam enraizados na estrutura do carnaval arroio-grandense, participando de todos os setores; desde a criação e confecção das fantasias para as escolas de samba, bem como a projetando os carros alegóricos; no desenho e na confecção das roupas para as rainhas e duquesas dos clubes sociais; e também desfilando nas escolas de samba, seja na comissão de frente e em outras alas, seja como destaque em carros alegóricos.

Everaldo também possui uma trajetória longa dentro do carnaval da cidade. Começou desfilando em outras escolas, antes mesmo dos anos 1990, que se extinguiram antes da entrada desta década. No ano de 1990 começou desfilando na São Gabriel, permanecendo por três anos, sendo o primeiro ano desfilando como destaque de chão, e nos dois seguintes como destaque do carro abre-alas. No ano posterior, em 1994, passou para a Promorar²², como destaque no abre-alas, permanecendo (na escola) até hoje, sendo sua escola de coração. Apenas em 1998 não desfila na Promorar e acaba por representar a Unidos na Ponte, como destaque no abre-alas, juntamente com Victório. Atualmente, devido a questões de saúde, não desfila mais como destaque em carros alegóricos, preferido desfilando nas partes mais baixas do carro ou até mesmo no chão.

Como dito anteriormente, Everaldo é reconhecido por grande parte dos arroio-grandenses como um símbolo de referência quando o assunto é o carnaval. Sua trajetória, que ganhou corpo nos anos 1990 e se estende até hoje, é de tamanho reconhecimento e prestígio social. Prova disso, é que seu nome foi referenciado na letra do samba enredo da Promorar, no ano de 2015: *“Everaldo é o nosso rei. Nossa celebridade. E com orgulho ele é Promorar”*.

²¹ Eram as rainhas e duquesas dos clubes sociais: Clube do Comércio, Clube Caixeral e Clube Guarani.

²² Ver foto no ANEXO VI.

Dentro dos anos 1990, o prestígio de Everaldo pode ser notado em uma fala, onde relata: *“na época eu era tão famoso que a prefeitura mandava um carro para vir me buscar. Eu era uma rainha”*. Seu reconhecimento era tamanho, que a prefeitura mandava um carro com motorista para ir buscá-lo em sua residência, e levá-lo até a concentração do desfile da escola. Em seguida, ao final do desfile, o mesmo carro o levava de volta para casa. Na sala de sua casa há vários troféus que ganhou, a maioria em eventos carnavalescos, como apresentações de fantasias em clubes sociais ou no Canecão.

Durante a conversa, Everaldo mostrou algumas fotos e recortes de jornais daquela década, para ilustrar suas falas. Numa das reportagens estava escrito:

O charmoso Everaldo, responsável pelas belas fantasias que embelezaram 10 anos de carnavais, depois de marcar presença em várias escolas, elegeu a Promorar como sua definitiva (Jornal Regional, 1999).

Esta reportagem vinculada a um jornal no ano de 1999, relata a importância dada à Everaldo, dentro do contexto do carnaval arroio-grandense. Em uma outra reportagem, para exemplificar a fama e destaque dados a Everaldo pelas mídias de comunicação, reflexo de grande parte da sociedade que o coloca como celebridade carnavalesca, é publicado:

Um dos destaques é já tradicional no carnaval da cidade simpatia, é o carnavalesco Everaldo, que é detentor de vários troféus que ganhou em concursos de fantasias. Segundo informações são mais de dez anos de atuante participação em desfiles. O mesmo aconteceu dia 2 de abril nos salões do Clube Guarani onde foram homenageados os destaques do carnaval. Everaldo já foi convidado para desfilar na Imperadores da Guabiroba, na cidade de Pelotas, no carnaval de 1996.²³

Em uma outra reportagem jornalística, de alguns anos antes, relata-se:

O carnavalesco Everaldo, já está em fase final de confecção de sua fantasia. A exemplo de anos anteriores, será confeccionada de muitos brilhos e plumas. Levando o destaque “Deus do Trovão”, sairá novamente como abre-alas da Escola de Samba Unidos do São Gabriel. Ele guarda com muito carinho seus

²³ Não foi encontrado a fonte exata desta reportagem. Nos recortes que Everaldo me apresentou não tinham a identificação do jornal ou do ano, dificultado a referência, todavia alguns jornais que publicavam sobre o carnaval de Arroio Grande eram A Evolução, Regional (ambos de Arroio Grande) e Diário Popular (Pelotas).

troféus e títulos adquiridos desde o ano de 88. Já teve várias realizações carnavalescas, entre elas o 1º lugar em concursos de fantasias. Confessa que vai explodir na avenida pois ele próprio está confeccionando a sua fantasia, tornando sua emoção maior neste carnaval. Sucesso Everaldo!

De acordo com Everaldo, sua participação em desfiles pela São Gabriel durou três anos iniciando em 1990, sendo o primeiro ano como destaque de chão, os dois seguintes em carros alegóricos. Logo, mesmo sem mais dados sobre o ano e o nome do jornal no qual esta matéria foi divulgada, levando em conta o que Everaldo disse, bem como um trecho específico que diz na matéria: “*sairá novamente como abre-alas da Escola de Samba São Gabriel*”; conclui-se que a reportagem é do ano de 1993.

Conclui-se com estas reportagens que Everaldo era um símbolo dos desfiles carnavalescos, sendo prestigiado por grande parte das pessoas. Suas fantasias consideradas belíssimas e tão aguardadas nos desfiles da Monteiro, para encher os olhos dos foliões que esperavam a passada de Everaldo, eram premiadas nos concursos que haviam nos clubes sociais, e no tão frequentado baile do Canecão, onde grande parte das pessoas se encontravam para prosseguir com as festas momescas, após o término dos desfiles das escolas na Monteiro. Everaldo se torna assim uma referência, um protagonista, nos termos de Noletto (2014), do carnaval da cidade de Arroio Grande, na década de 1990.

Nas falas dos dois interlocutores, fica exposto suas opiniões sobre o carnaval da década de 1990 como sendo de grande sucesso. Fernando nomeia os festejos daqueles anos como sendo “*o carnaval de glória*”, pelo motivo de que “*vivíamos na ansiedade*”, todos se engajavam e aguardavam o mês de fevereiro com entusiasmo. Em Arroio Grande, a população que participa do carnaval, desfilando nas escolas, vivencia isso cotidianamente desde janeiro, aproximadamente. Isso ocorre porque as fantasias são feitas pelos próprios foliões, que desejam desfilarem nas escolas de samba. As agremiações possuem um número pequeno de componentes, se comparados com as escolas de cidades maiores, contando com uma média de 230 pessoas cada uma. Isso faz com o trabalho de confeccionar as fantasias seja de forma bem artesanal, e não em grande escala de produção como ocorre, por exemplo, no carnaval do Rio de Janeiro. Além disso, já no início de janeiro começam os ensaios das baterias das escolas. Arroio Grande é uma cidade pequena, e isso faz com que os ritmistas, ao som do samba enredo da cada escola, sejam ouvidos em todos os cantos do

município, durante a semana, nos dias que ocorrem os ensaios. Ou seja, logo após o réveillon, o povo arroio-grandense, ao som dos ensaios das baterias das escolas de samba, começam a se preparar para o carnaval que ocorrerá em fevereiro. Isso contagia e faz com que grande parte da população se envolva com os festejos carnavalescos. Everaldo relata os incríveis desfiles das escolas de samba, os concursos de fantasias nos clubes sociais e no baile do Canecão, os desfiles no baile municipal que antecedia os dias de carnaval. Esses dois relatos ajudam a embasar, apoiado aos relatos de Victório, que a década de 1990 foi o período de ouro do carnaval.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da etnografia realizada com esses três homens, e baseado nas definições de protagonismo discorrido por Noletto (2014), esta pesquisa aponta que os homens que se identificam de forma “assumida” ou “não assumida” com a homossexualidade foram protagonistas do carnaval de Arroio Grande. Ficou demonstrado aqui, que eles estavam inseridos em todos os meios do carnaval da cidade.

Victório é carnavalesco e teve sua iniciação naquela década, desenhando fantasias para as escolas de samba, bem como desfilando nelas. Já Fernando é reconhecido como constante participante das comissões de frente, seja desfilando ou ajudando na coreografia. Também sua presença se encontra dentro do clube do Comércio, onde foi vice-presidente e coreógrafo da corte mirim. A grande estrela deste carnaval, reconhecido pela maioria, é Everaldo. Sua presença se deu em cima do abre-alas da São Gabriel e, posteriormente, da Promorar, sua escola de coração. Suas fantasias e seu carisma, acabou por massificar sua personalidade, tornando-o um símbolo dos desfiles carnavalescos da cidade de Arroio Grande, fazendo dele “*uma rainha*”.

É importante destacar os contornos que a etnografia, e por consequências, a pesquisa, foi tomando ao longo do tempo. Inicialmente, pretendia-se evidenciar a participação fundamental dos gays dentro do carnaval de Arroio Grande, em todos os setores, como as escolas de samba, blocos de rua e clubes sociais, além dos bastidores, como a criação e a confecção de fantasias e carros alegóricos. Com o transcorrer da pesquisa etnográfica, foi se evidenciando os desfiles de rua, como grande destaque central desta pesquisa. Isso ocorre pelo fato de os entrevistados terem uma maior ligação com os desfiles nas escolas de samba, já os clubes sociais e os blocos de rua ficando em um segundo plano. Neste sentido, esta pesquisa acabou por dar um maior enfoque aos grandes desfiles da Samba no Pé, Promorar, São Gabriel e Unidos da Ponte.

Os jornais da época reconheciam o papel de Everaldo dentro do carnaval, em dizeres como “o charmoso Everaldo, responsável pelas belas fantasias que embelezam 10 anos de carnavais”, desejando inclusive “Sucesso Everaldo!” para desfilar na passarela do samba. Sendo assim, estudar o carnaval de Arroio Grande

com profundidade é conhecer a trajetória deste homem que fez parte, e é parte fundamental do sucesso dos festejos carnavalescos dos anos 1990

Apesar de todo o reconhecimento que estes homens gays tiveram dentro do carnaval, não se pode esquecer que a questão gay sempre foi colocada como secundária, ou anulada quando estes indivíduos estavam participando do carnaval. Escondia-se ou fingia-se que esta sexualidade era algo que não existia, em virtude de um tabu e preconceito existente dentro da sociedade, cultivada nos valores patriarcais de valorização do masculino em detrimento do feminino. Estes homens por mais que tivessem seu trabalho e participação dentro do carnaval reconhecido, jamais tinham sua sexualidade e vivência homossexual reconhecida e assegurada como “passível de luto”, nos termos de Butler (2015), por parte da sociedade. Alguns em certo grau poderiam possuir algum reconhecimento por se adaptarem aos padrões moralmente impostos pela sociedade, não sendo a regra geral. Estes, escapariam dos olhares tortos e discriminação. Já aqueles outros que viviam a homossexualidade e também não se comportavam de acordo com os padrões, eram excluídos e mal falados pelo resto da sociedade, inclusive por alguns homens homossexuais que também poderiam reproduzir os mesmos mecanismos de exclusão social.

Espera-se que esta pesquisa sirva de apoio para que a sociedade, em especial ao povo arroio-grandense, assim como, para o resto dos brasileiros que cultuam e reproduzem a lógica patriarcal e misógina; percebam que os gays estão presentes não só no carnaval, mas em todos os lugares. Seja nos bastidores ou seja na linha de frente. Os gays estão amplamente inseridos no cotidiano de todos, se utilizando de estratégias para lutar por seu espaço perante o meio homofóbico no qual vivemos. Neste contexto, o carnaval como festa popular do Brasil permite esta luta. Isto ocorre de forma indireta, visto que, os gays podem não perceber, mas a partir do momento em que estão envolvidos com algo que gostam, como é o caso de carnaval para muitos, acabam ajudando a fazer com que esta festa tenha muito brilho e *glamour*.

REFERÊNCIAS

ANDES-SN. **“Em defesa dos direitos das mulheres, dos indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT”**. Brasília: 2016.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Revista Bagoas**, v. 8, n. 11, p. 211-236. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GONTIJO, Fabiano. **Rei Momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. [tradução, Cesar Gordon]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MOTA, Murilo Peixoto da. As diferenças e os “diferentes” na construção da cidadania gay: dilemas para o debate sobre os novos sujeitos de direito. **Revista**

Bagoas, v. 2, n. 2, p. 191-210. 2008. Disponível em:
<<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

NOLETO, Rafael da Silva. "Brilham estrelas de São João!": notas sobre os concursos de "Miss Caipira Gay" e "Miss Caipira Mix" em Belém (PA). **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro.) [online]. 2014, n.18, pp.74-110. Disponível em: <www.sexualidadsaludysociedad.org/>. Acesso em: 02 abr. 2017.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Na Batida da Concha**: sociabilidade juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 6(1-2): 27-45, 1994 (editado em jun. 1995).

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes e Práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Marco Aurélio da. **Se Manque!** Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, 2003.

SOLIVA, Thiago Barcelos. ENTRE "BICHAS" E "BOFES": sociabilidade e construção de identidades coletivas entre as "Turmas de homossexuais". **Revista Fato & Versões**, v. 4, n. 7. Uberlândia: 2012.

_____. **Sob o símbolo do glamour**: um estudo sobre homossexualidades, resistência e mudança social. Rio de Janeiro: 2016.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Revista Ponto Urbe** [online], v. 11. 2012. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/300>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE I – LISTA CRONOLÓGICA DAS ESCOLAS CAMPEÃS, A PARTIR DE 1990.

ANO	CAMPEÃO
1990	São Gabriel
1991	Samba no Pé
1992	São Gabriel
1993	São Gabriel
1994	Promorar
1995	Não ocorreu concurso oficial
1996	Promorar
1997	Não ocorreu concurso oficial
1998	São Gabriel
1999	São Gabriel
2000	Samba no Pé e Promorar
2001	São Gabriel
2002	São Gabriel
2003	Samba no Pé
2004	Samba no Pé
2005	Samba no Pé
2006	Promorar e São Gabriel
2007	São Gabriel
2008	Promorar
2009	Samba no Pé
2010	Samba no Pé
2011	Promorar e São Gabriel
2012	Samba no Pé
2013	São Gabriel
2014	Samba no Pé
2015	Samba no Pé

2016	Samba no Pé
2017	Samba no Pé

ANEXOS

ANEXO I – Notícia vinculada no Jornal A Evolução, 1992.


MELHOR CARNAVAL DE ARROIO GRANDE

Em 1990, após um ano de governo Flávio Pereira a administração volta-se para a área de turismo, para o Carnaval Municipal, até então pouco difundido em Arroio Grande, surgem então as grandes vedetas da folia de rua: as escolas de samba. Encaradas com muita seriedade por parte de suas diretorias, as primeiras escolas de samba do nosso carnaval começam a crescer com muita força. Neste mesmo ano, participaram dos desfiles 4 escolas: Unidos de São Gabriel e 1ª Campeã, Unidos do Promorar, vice, Samba no Pé e Castelo Branco.

No ano seguinte, a Castelo Branco não desfilou, ficando a disputa entre as outras 3 escolas. Arroio Grande começa a se destacar no estado com o 3º melhor Carnaval de 1991. Neste ano o Samba no Pé sagrou-se campeã, e pela segunda vez consecutiva a Unidos do Promorar fica com o 2º lugar.

A expectativa para 1992 era a melhor possível. Em disputa o Bi-Campeonato, uma vez que a U. do Promorar desistiu de participar do desfile oficial. Samba no Pé e U. de São Gabriel deram um verdadeiro show na passarela da Dr. Monteiro. Muita garra, brilho e luxo nos desfiles apresentados pelas escolas. Este ano o corpo de jurados foi composto por pessoas indicadas pela FUNDAPEL, e a avaliação das escolas ficou assim:

E.S. UNIDOS DE SÃO GABRIEL	
C. de Frente	9 e 10
C. Abre Alas	10 e 10
M.S. e P.B	10 e 9
Harmonia	9 e 10
S. Encredo	10 e 10
Aleg. Adereço	8 e 8
Bateria	10 e 9
132 pontos	
E.S. SAMBA NO PÉ	
C. de Frente	7 e 9
C. Abre Alas	7 e 7
M.S. e P.B	6 e 7
Harmonia	8 e 8
S. Encredo	8 e 9
Aleg. Adereço	7 e 7
Bateria	10 e 10
110 Pontos	



1ª DAMA CLEIA PEREIRA FAZ ENTREGA DE TROFÉU A PRESIDENTE DA ESCOLA SAMBA NO PÉ - EVA NAIR

ANEXO II – Abre-alias da Unidos da Ponte com Everaldo e Victório, 1998

À direita: Victório. À esquerda: Everaldo. Créditos: desconhecido.

ANEXO III – Notícia vinculada ao Jornal Regional, 1999.

Carnaval é considerado o melhor da Zona Sul



Longe de qualquer bairrismo, é um orgulho para todos nós arroio-grandenses recebermos o título de "Melhor Carnaval da Zona Sul". Aliás, partiu do Jornal Diário Popular, um dos mais conceituados órgãos de Imprensa do Estado, ainda em 1998, destacar que em Arroio Grande o Carnaval estava se transformando na maior festa da região, fato que voltou a acontecer este ano.

Foi um evento, realmente, digno dos maiores elogios, sobrando alegria e com total segurança para a comunidade que compareceu na 'Passarela do Samba'. Em manifestação à Imprensa, o Prefeito salientou que a tranquilidade do Carnaval proporcionou que as crianças fossem para o centro da cidade brincar entre os foliões. "O nosso povo, de características tão ordeira e pacífica, deu, mais uma vez, uma demonstração de amor e respeito ao seu município, contribuindo para que a cidade fosse destaque na região. O sucesso obtido se deve à resposta que a comunidade nos deu. O Executivo Municipal procurou organizar o Carnaval da melhor forma possível e, pelas manifestações recebidas, acho que conseguimos este objetivo. Nos resta agora continuar trabalhando para que possamos merecer sempre a confiança e o apoio de nossa gente". Comentou o Prefeito Erminio Lucena.

Observou-se durante a apresentação dos Blocos Burlescos e das próprias Cortes dos Clubes Sociais manifestações de carinho dirigidas diretamente ao Chefe do Executivo. Estes foliões aplaudiam e gritavam o nome de Lucena.

O Prefeito preferiu não comentar o resultado final do Concurso das Escolas de Samba, disse apenas que como haviam sido escolhidos os jurados de comum acordo com todas as escolas, não seria ético de sua parte tecer qualquer comentário. "Foi uma inesquecível festa popular, não faltou entusiasmo e muito menos vontade de parte das três escolas que disputaram o título. Os jurados tiveram, e não poderia ser diferente, total liberdade para julgar os seus respectivos quesitos. Posso dizer é que o próximo Carnaval, até pela virada do milênio, terá um carácter muito especial e cabe a todos nós trabalharmos para que sua repercussão seja ainda maior do que a de 1999. Quem sabe com o surgimento de novas escolas de samba, acirrando ainda mais a disputa", desafiou o Prefeito.

Apesar de toda a infra-estrutura colocada a disposição, a Dr. Monteiro ficou pequena para o grande público que se concentrou na expectativa de ver sua escola preferida. Não é oficial, mas deverão haver mudanças consideráveis na parte estrutural da rua Dr. Monteiro, espaço considerado "Passarela do Samba", como a retirada da fiação elétrica e telefônica, permitindo que as escolas de samba possam apresentar destaques mais altos; construção novas arquibancadas ao longo da passarela e de mais camarotes, entre outras providências que proporcionem melhor comodidade a quem participa diretamente ou a quem aplaude o **O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA, O NOSSO CARNAVAL.**

ANEXO V – Desfile da São Gabriel em 1994

Da direita para a esquerda, o terceiro é Fernando. Créditos: desconhecido.

ANEXO VI – Everaldo de destaque da Promorar em 1994.



Everaldo de destaque no abre-alas da Promorar. Créditos: desconhecido.